

O AMOR NA LITERATURA UM EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO HISTÓRICA*

MÔNICA RAISA SCHPUN**

Resumo

Referindo-se à São Paulo dos anos 1920 e ao processo de importantes transformações gerado pela urbanização, este artigo pretende compreender o sentido social dado ao tema do amor conjugal no rico debate veiculado pela imprensa feminina e pela literatura. Para além de uma simples iniciativa disciplinar que visaria, para as mulheres, reforçar a identidade entre amor e casamento, percebe-se aí a existência de conflitos mais profundos e sinais de transformação, operando nas sensibilidades coletivas.

Palavras-chave: Mulheres, Anos 1920, Relações Conjugais, Estratégias Matrimoniais, Literatura.

* Este artigo foi recebido para publicação em outubro de 1996.

** Doutora em História pela Universidade de Paris VII.

O amor na literatura...

**Casara-se com ele (Aldo) como Zilda casara com Matoso; mal saída do Colégio "Redenção", seus pais compreenderam que as terras do "Guarema", do primo Aldo, confrontavam com as suas na "Água Mansa". No dia em que se uniram, o "Guarema" enriqueceu de seiscentos alqueires de matas e duzentos mil pés de café formado.
(Menotti del Picchia, *Flama e argila*)**

Numa reflexão sobre a oligarquia paulista nos anos vinte, centrada em estratégias matrimoniais e relações conjugais¹, a literatura da época e os textos publicados pela imprensa feminina, com destaque para contos de fundo moral e folhetins, mostraram-se particularmente úteis.

Quanto à literatura, trabalhei basicamente com obras produzidas por mulheres e pelos autores do modernismo paulista. Para a seleção da literatura feminina, não me limitei às autoras paulistas nem estritamente à década de vinte, considerando que certas questões a serem tratadas permitiam tal liberdade. Outros poucos autores, não modernistas e nem paulistas, foram incluídos ao conjunto pelas temáticas abordadas em alguns de seus textos. No total, vinte e quatro escritores foram selecionados, inclusive Maria Lacerda de Moura, autora de ensaios críticos, e não de textos de ficção. Quanto aos títulos, o critério das questões temáticas foi determinante, mas também a ambição de conhecer o melhor possível cada um dos autores. Além disso, considerando que a relação das mulheres com o espaço público e com a tomada da palavra escrita é mais conflituosa que a dos homens, e consciente de que as obras publicadas por escritoras são freqüentemente menos numerosas

¹ 'SCHPUN, Mônica Raisa. *Les Années Folles à São Paulo. Hommes et femmes au temps de l'explosion urbaine (1920-1929)*. Paris/Montréal, Éditions L'Harmattan/L'Harmattan Inc., 1997, primeira parte.

e, sobretudo, menos lembradas por nossas antologias e histórias da literatura que as de seus colegas homens, procurei reunir o maior número possível de textos de cada escritora escolhida.²

Quanto à imprensa feminina, limitei-me aos títulos paulistanos, pois pareceu-me que a imprensa apresenta uma ligação mais direta com a conjuntura imediata e com uma cultura urbana específica. Os títulos pesquisados são: *Revista Feminina*, *A Cigarra. Renascença* (publicação de curta duração, dirigida por Maria Lacerda de Moura em 1923) e *Ariel* (que, como *A Cigarra*, e talvez mesmo de forma mais marcada, é uma revista de variedades, contando também com leitores homens).

Uma questão se destaca, atravessando o conjunto dessa literatura jornalística e de ficção. Diversas vozes se manifestam; elas compõem um campo onde se expressam posições antagônicas e conflitantes, e onde se constituem alguns consensos.

Sem sombra de dúvidas, trata-se de uma questão polêmica. Ela percorre os discursos e, mobilizando os atores sociais que têm aceso ao espaço da opinião pública, cria um verdadeiro debate. Refiro-me aos "sentimentos" e à "afeição" conjugal, temas que ocupam um lugar central nesse vasto emaranhado discursivo, utilizado aqui como fonte documental. E a discussão que se desenvolve acentua claramente a problemática das desigualdades existentes nas relações homem-mulher.

No interior do debate, duas maneiras de compreender o casamento coexistem. A primeira delas, mais antiga, é freqüentemente designado, por seus detratores - mais numerosos -, por um estereótipo levado ao extremo: trata-se de casamentos realizados exclusivamente por interesse financeiros. A segunda, servindo-se da primeira para, por contraste, encontrar-se

²Para a lista completa das obras, ver bibliografia complementar.

O amor na literatura...

valorizada, é regida pela idéia de que o casamento deve responder exclusivamente a aspirações íntimas e afetivas. A vida conjugal transforma-se então no território por excelência do "amor" .

Assim, uma profusão de discursos se manifestam contra alianças econômicas que se servem do casamento. Esta nova moralidade recusa, para a escolha dos conjugues, que se leve em conta outros objetivos além da expressão das emoções íntimas.

Uma imagem extremamente negativa da família dita tradicional se desenha então: o pai todo poderoso impõe um casamento não desejado à(s) sua(s) filha(s), segundo uma lógica que separa o universo afetivo das estratégias matrimoniais

estas últimas sendo guiadas por preocupações ligadas à manutenção ou ao aumento do patrimônio familiar.

Nos anos vinte, as famílias da oligarquia paulista, já tendo deixado as fazendas para se instalar na cidade, recusam imagens que lhes pareçam por demais identificadas com o passado, com a sociedade rural. Quanto às questões que nos interessam aqui, tudo que lembra um modelo tradicional de família tornou-se anacrônico aos olhos do grupo, que se quer porta-voz de valores cada vez mais "modernos". Não respondendo à imagem de representantes da civilização e do cosmopolitismo que as elites paulistas pretendem dar em si mesmas e de sua capital, tal modelo passa a preencher um papel fundamental: transformado em estereótipo, ele reforça, por oposição, a imagem de sociedade de progresso que encontramos salientada em inúmeros discursos.

Os discursos que buscam ser reconhecidos como modernos recusam qualquer legitimidade a uma mentalidade que sujeita o casamento à preservação do patrimônio. E para denunciá-la operam uma simplificação: o conjunto das regras e dos comportamentos que caracterizaram as famílias dos cafeicultores na fazenda, extraídos da realidade histórica à qual

correspondem, resumem-se então a uma série de atitudes isoladas e imorais, diametralmente opostas aos "novos" valores.

Toda uma estrutura de organização familiar, com as estratégias matrimoniais que lhe são próprias, vê-se reduzida a conteúdos moralmente repreensíveis: a ambição desmesurada, a procura do lucro. Tudo isso para valorizar o "amor", os "sentimentos íntimos" e as motivações individuais da escolha conjugal.

É assim que, nos folhetins e contos da imprensa feminina, bem como na literatura da época, abundam as narrativas onde um jovem tenta resolver suas dificuldades financeiras ou conquistar uma boa situação social graças a um casamento prometedor.

Em geral, o projeto fracassa: ou o jovem não consegue atingir seu objetivo, pois suas motivações desonestas são descobertas; ou o casamento, uma vez concretizado, traz somente infelicidade e, quase sempre, traduz-se em perdas ligadas ao patrimônio e à posição social. Os esforços de enriquecimento realizados pelo pretendente junto à sua rica noiva foram vãos.

Outras narrativas atacam os pais autoritários que não escutam seus filhos - mais freqüentemente suas filhas -, e impõem-lhe casamentos de interesse, e sem "amor". Uma vez mais, estes últimos se revelam um fracasso.

Em todo caso, trata-se ao mesmo tempo de criticar esse tipo de raciocínio "interesseiro" e de valorizar, por contraste, um outro modelo de comportamento, mais próximo das expectativas das novas gerações e dos "novos tempos".

A título de hipótese, penso que uma nova concepção envolvendo as relações conjugais, as alianças matrimoniais e o comportamento das mulheres quanto a essas questões integrou-se às mentalidades da época enquanto que as gerações mais velhas foram criadas segundo outros princípios familiares. Entre

O amor na literatura...

duas gerações uma nova sensibilidade introduziu-se e os discursos endereçados aos jovens só podem sustentá-la.³

Evidentemente, a passagem não é tão linear; essa representação simplista de uma substituição de modelos é fruto de uma construção. Assim, as vozes que sustentam a assimilação entre "amor" e casamento se declaram do lado do progresso. Uma tal montagem, maniqueísta, depura a imagem das "novas" relações amorosas e faz destas o lugar da felicidade e da harmonia. Ela retira daí todo e qualquer elemento suscetível de evocar os modelos ditos tradicionais de organização familiar, que ela considera e deseja desaparecidos, relegados a um passado distante.

Estilizando o máximo possível essa oposição, alguns textos literários resumem o conflito a uma querela entre pais e filhos. Ele torna-se assim didaticamente mais visível.

O que não chega, porém, a ser completamente falso: a representação desse processo através de um conflito de gerações indica bem a extrema rapidez e a violência da urbanização de São Paulo, fenômeno ao qual todas essas transformações estão ligadas. Indivíduos de média idade nos anos vinte, criados na virada do século, assistem certamente a mudanças sociais muito bruscas. A título de exemplo, as mulheres assistem à instalação de todo tipo de equipamentos urbanos de lazer, de consumo e de comunicação. Uma tal variedade de estímulos não poupa a intimidade conjugal e provoca fissuras no sentido em que as expectativas criadas ultrapassam muitas vezes o horizonte do real e do possível. Os limites morais da formação recebida

³ Sobre isso, uma grande parte da imprensa feminina examinada, produzida em São Paulo, dirige-se aos jovens em geral, e não somente às moças. O título mais representativo é sem dúvida *A Cigarra*, periódico de maior circulação durante a década, que emite um discurso claramente dirigido a um público jovem. Infelizmente, inexistem índices sobre a receptividade dessas revistas, das quais se desconhecem as tiragens exatas

Mônica Raisa Schpun

tornam-se por demais estreitos e as interdições por demais fortes.

Nesse quadro, as desigualdades conjugais tornam-se problemáticas. A imagem que remete as jovens da época às condições de suas mães e avós não coincide com o que elas esperam da vida.

Entretanto, na oposição bem marcada entre casamentos de interesse e casamentos por "amor", freqüentemente assimilada, nos discursos da época, a uma oposição entre gerações, um dispositivo ideológico significativo se coloca. Segundo essas representações, as queixas das jovens desejosas de "amor" são queixas contra os modelos familiares antigos, que elas não podem mais aceitar, contra uma situação que teria durado demais. Se suas mães e avós puderam se casar sem "amor", é porque elas teriam suportado um grau de opressão que as jovens das novas gerações já estão prontas a recusar.

Me parece, ao contrário, que essas queixas referem-se antes ao presente que ao passado. Se as mulheres da oligarquia rural de uma ou duas gerações antes não reclamavam o "amor", isso não quer dizer que elas eram simplesmente mais submissas que suas descendentes. A valorização dos "sentimentos" faz parte de uma reestruturação das relações conjugais: se as desigualdades conjugais tomam-se insuportáveis, é porque outras transformações provocam a emergência de novos conflitos nas relações marido-mulher. Novas configurações do social fazem com que certas questões, que até então não concentravam de forma marcante os conflitos existentes, tomem-se particularmente sensíveis. A urbanização e suas implicações exercem aí um papel determinante.

O amor na literatura...

Amor x modernidade

O forte desejo de modernidade, que pode ser lido nos discursos da época, exprime-se através de dois eixos principais, ambos baseados numa oposição bem construída entre "família moderna" e "família tradicional".

O primeiro refere-se ao fim do casamento como pretexto de alianças entre famílias, de união de patrimônios já que, para as vozes do momento, o motor principal de uma tal ligação não pode ser outro além da "afeição", da identificação "amorosa" entre os cônjuges. O segundo, que não está completamente desconectado do precedente, refere-se à liberdade de escolha conjugal, ao fim dos casamentos impostos, sobretudo às mulheres.

Nós sabemos que o dote desaparece das práticas da elite paulista em meados do século XIX⁴.

Simultaneamente ao desaparecimento desse costume, o individualismo passa a ocupar um espaço maior nas relações familiares. As relações de negócios entre sogros e genros não são mais automáticas, nem os negócios de família se misturam sempre às alianças econômicas. Se eles querem se associar, sogro e genro assinam contratos, e as obrigações e os bens de cada um são administrados de forma mais impessoal. Assim, o genro toma-se mais autônomo na gestão de seus bens e na direção de sua família, e o sogro, por seu lado, se compromete menos com o casamento de sua filha.

Conseqüentemente, a formação dos filhos toma-se mais importante: as moças, sem dote, devem ter qualidades pessoais para conseguir, com sucesso, "negociar" um marido; os rapazes devem poder se estabelecer sozinhos, sem a ajuda dos sogros.

⁴ Graças à obra de NAZZARI, Muriel. *Disappearance of the Dowry - Women, Families and Social Change in São Paulo, Brazil (1600-1900)*. Stanford, Califórnia, Stanford University Press, 1991. Ver, especialmente, a terceira parte.

Mônica Raisa Schpun

Para eles, a instrução e os diplomas serão cada vez mais valorizados.

Nós sabemos também que os anos vinte são o palco dos últimos conflitos causados por casamentos impostos. Nos processos de desquite em São Paulo, quando os pais são acusados de ter obrigado suas filhas a se casar, a defesa não utiliza jamais o argumento da autoridade paterna. Trata-se, ao contrário, para advogados e testemunhas, de negar o caráter imposto do matrimônio.⁵

Sendo assim, os discursos examinados aqui, ao defenderem um modelo mais individualista para as relações conjugais, e ao criticarem a imposição do casamento pelos pais, bem como a validade das alianças familiares que se servem das ligações matrimoniais, não fazem nada além de sustentar, nos debates da época, princípios que já se encontram inscritos nas práticas sociais. Além disso, a tendência geral a um grau crescente de individualismo nas relações familiares, como mostra bem o exemplo do dote, precede de alguns anos o processo de urbanização e atinge de forma progressiva as elites do café antes mesmo que suas famílias cheguem na cidade.

De fato, a vida urbana parece corresponder bem a tais princípios, ditos "modernos" e "civilizados". Mas será que eles se opõem forçosamente à vida rural das elites? A representação dada das famílias ditas "tradicionais", servindo para compor as oposições descritas acima, e para valorizar as representações feitas do presente em relação às do passado, não são nada gratuitas. O individualismo como valor determinante das relações familiares não é o apanágio dessa sociedade urbanizada, mesmo se seus porta-vozes assim o desejam.

⁵ Cf. SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Crise Familiar e Contexto Social - São Paulo 1890-1923. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1989, p.126.

O amor na literatura...

Isso coloca em questão, antes de mais nada, os discursos de época, que procuram legitimar uma lógica de progresso quanto às transformações no seio da família. E tais discursos, vitoriosos, produzidos pelos porta-vozes das elites, constroem, para a sociedade em questão, uma representação que se instituirá em memória dominante, chegando mesmo, a meu ver, a influir nos rumos da reflexão sociológica sobre a questão.⁶

De qualquer modo, a existência de mais individualismo nas estratégias matrimoniais, com o fim das lógicas de aliança que não levam em conta as opiniões dos jovens e, sobretudo, das jovens, não beneficiou igualmente os primeiros e as segundas.

Nós sabemos a esse respeito que a falta do dote ou, de maneira mais geral, das vantagens da fortuna paterna retirou das mulheres um trunfo importante e essencial às negociações estabelecidas no momento do casamento. Para os homens, ao contrário, isso aumentou ainda mais sua autonomia, já que sua educação tomou-se objeto de investimentos muito mais fortes. Efetivamente, a distância entre o poder de escolha de umas e outros no mercado matrimonial só se aprofundou.

Assim, o debate social que se instaura na época sobre as relações familiares e, mais especificamente, sobre as regras e estratégias matrimoniais, nos coloca um enigma, ou mesmo uma falsa pista.

Pois, se a introdução de mais individualismo não teve um efeito emancipador para as mulheres e, ao invés disso, acirrou as

⁶ Ver, sobre isso, a crítica feita por Mariza Corrêa ao pensamento de Gilberto Freyre e de Antonio Candido de Mello e Souza, expressos respectivamente em *Casa Grande e Senzala* e *The Brazilian Family*. CORRÊA, Mariza. Repensando a Família Patriarcal Brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, n° 37, maio de 1981. Cf., sobretudo, quanto à questão da constituição da família nuclear moderna, p.13. Quanto a mim, creio encontrar, na intensa produção de discursos operada pela oligarquia paulista, hegemônica durante toda a Primeira República, alguns elementos constituídos dessa memória dominante que se reproduzirá, como bem mostra Mariza Corrêa, até um período extremamente recente, na pena dos intelectuais.

desigualdades conjugais; e se a tendência de individualização no seio das relações familiares precede a urbanização, os discursos defensores dos valores "modernizantes" que dominam esse debate, e que se apresentam como sendo discursos críticos e emancipadores, mesmo estando no espírito do "novos tempos", nos impedem de ver em que consistem exatamente os conflitos, as transformações, e o que está realmente em jogo no interior da esfera privada.

Quanto a isso, acredito localizar, nas narrativas literárias da época, especialmente nas obras escritas por mulheres, assim como nos folhetins e contos publicados pela imprensa feminina, uma pista mais promissora na expressão de certas reivindicações tocando às mulheres.

De fato, grande parte das narrativas estudadas - que elas tenham sido publicadas na imprensa feminina ou que se trate de romances, de contos, de peças de teatro, etc. - sublinham, no que toca às relações conjugais, desigualdades profundas entre os gêneros que, evidentemente, não beneficiam as mulheres.

Inúmeras proibições e barreiras, morais e sociais, estão na base da infelicidade que atinge as moças dessa literatura. Pois, é necessário precisar, trata-se exclusivamente de moças. Quando mulheres mais velhas aparecem nas narrativas, elas são as mães das heroínas, que servem antes de mais nada para marcar a distância entre as sensibilidades de cada geração. Em certos casos, essas mulheres, educadas segundo outros valores, trazem à narração uma tomada de consciência das desigualdades às quais elas foram submetidas, que não são mais aceitas - ou às vezes mesmo impostas - a suas filhas. Em todo caso, elas ocupam um lugar menor nas intrigas, servindo a realçar tanto os conflitos vividos pelas jovens, quanto as barreiras que estas últimas tentam contornar.

Tais barreiras, deixando de lado as questões de alianças familiares e imposição de casamentos, são ligadas à decepção

O amor na literatura...

vivida, pelas jovens esposas, face a seu novo estatuto e à vida conjugal. Com muita freqüência, mesmo se elas participarem da escolha conjugal, se elas estavam convenci das de tal escolha, se elas amavam seu noivo, a decepção pós-altar toma infeliz sua experiência marital. Na maior parte dos casos, os doces pretendentes de antes transformam-se em maridos frios, distantes, adúlteros, injustos, etc.

Trata-se então de uma insatisfação que persiste, apesar da introdução de mais liberdade de escolha, apesar do que o aumento de individualismo possa ter acrescentado à realidade da vida conjugal.

E a luta travada pelo conjunto das personagens examinadas contra tais barreiras, concentra-se essencialmente num anseio de viver uma experiência conjugal de "amor". Românticas, essas mulheres querem maridos que exprimam sua "afeição", que estejam prontos para estabelecerem trocas simétricas ao nível dos "sentimentos íntimos".

Tal aspiração é generalizada, atravessando todo tipo de intriga e tocando todas as heroínas, quer se trate de jovens em idade de casar, de recém-casadas decepcionadas, ou mesmo de algumas mulheres mais velhas conscientes das razões de sua experiência conjugal infeliz. Sem contar uma parte dos personagens masculinos, especialmente os jovens em idade de casar, fato que reforça a idéia de uma clivagem entre gerações.

Assim, essa reivindicação de "amor" se faz presente tanto em textos que pregam a modernidade contra o passado e as práticas ditas tradicionais, como em outros, onde as desigualdades entre os gêneros no casamento aparecem como sendo o fruto de uma diferença de comprometimento pessoal. Nessas narrativas, as mulheres vivem intensamente sua experiência conjugal que é, aliás, seu destino social por excelência, enquanto que os homens mostravam-se

desinteressados, distantes, pouco ou mesmo nada tocados por um compartilhamento da vida íntima.

As mulheres casadas, qualquer que seja sua idade e a do casamento, são sempre extremamente solitárias, não encontrando, em seus maridos, interlocutores disponíveis para a troca de "sentimentos" ou de qualquer outra questão ligada à vida privada e familiar.

A reivindicação do "amor", expressa nos textos literários estudados por todas as personagens femininas em idade de casar, e mesmo por algumas recém-casadas, me parece portadora de um sentido histórico preciso e significativo.

De fato, opondo-se aos casamentos de interesse, mas sobretudo valorizando os "sentimentos", essa "ideologia do amor" torna visíveis as assimetrias ao mesmo tempo renovadas e preservadas apesar do - ou graças ao - aumento de individualismo nas relações familiares. Ela desvela também a distância existente entre as expectativas construídas durante a educação das moças, preparadas desde muito cedo para a vida de esposas, e a realidade que elas encontram quanto a seu novo estatuto social de mulheres casadas, especialmente quanto às relações conjugais.

Reivindicando mais "sentimentos" na vida conjugal, creio que as mulheres, enquanto atores sociais, dão prova de lucidez. Pois se o casamento segue sendo para elas a carreira por excelência, não é de modo algum insensato querer obter aí um maior reconhecimento, visando melhorar sua condição de vida no interior da esfera privada.

Além disso, a constituição especificamente urbana do espaço privado é responsável pelo fato de que, desse momento em diante, os espaços produtivos lhe são estranhos, e as trocas sociais vividas no seu âmago são justamente aquelas da ordem da afeição, da sexualidade, da reprodução, mesmo se nem sempre de forma exclusiva.

O amor na literatura...

Um novo modelo de homem

As mulheres representadas pela literatura e pelos folhetins da imprensa preferem os homens mais delicados, que revelam seus "sentimentos". Cada vez que uma jovem se apaixonava, o rapaz escolhido apresentava uma mentalidade mais próxima à sua. Tudo se passa como se o abismo, tantas vezes aprofundado, entre o universo mental das mulheres e dos homens, se reduzisse.

Em todo caso, quando as mulheres exprimem sua escolha, esta recai sobre um novo modelo de homem.

Configura-se mais uma vez um conflito de gerações: os casais já formados apresentam sempre relações problemáticas, sensibilidades muito diferentes, homens incapazes de compreender suas mulheres e que aliás não tentam fazê-lo.

Já as figuras recorrentes entre os personagens jovens são completamente diferentes. Símbolos de delicadeza, os poetas e os escritores se aproximam do novo ideal. É a escolha de Ladice⁷: o homem que ela ama é fisicamente frágil, as mãos brancas, os olhos profundos, nada que lembre uma presença viril.

Mais numerosos ainda são os engenheiros e os médicos. Os primeiros representam os novos tempos, o progresso. Eles difundem as idéias do desenvolvimento social e das conquistas da técnica, tanto no campo como na cidade. E esse retrato é corrente com suas opiniões sobre o estatuto das mulheres e as relações familiares, especialmente entre cônjuges. Nesse sentido, Otávio⁸ sente-se mais a vontade com sua prima e sua irmã, não se identificando nem com seu pai nem com seus amigos e colaboradores deste, homens de uma mentalidade totalmente

⁷ BERTHA, Albertina. *Exaltação*. Rio de Janeiro, J.R. dos Santos, 1931 (1916).

⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Família Medeiros*. Rio de Janeiro, Fluminense, 1892.

diferente da sua, grosseira e materialista. Sensível, culto, amigo das letras e das artes, ele só pode se sentir melhor em companhia feminina. Num outro romance da mesma autora⁹, a heroína é rodeada por dois jovens engenheiros: seu afilhado e um amigo deste, sendo que os dois acabam tomando-se seus genros.

A figura do médico significa mais: pela sua profissão, ele tem maior acesso às mulheres e tenta compreendê-las. Apaixonados pela profissão, os médicos representados não pensam em dinheiro. Eles estudam sem cessar, se cultivam e trabalham por vocação, sem interesse econômico. Eles aproximam-se assim da sensibilidade espiritualizada de suas amadas.¹⁰

Os advogados e os fazendeiros também podem representar uma nova sensibilidade, compreender o universo feminino e atrair a atenção das mulheres com suas maneiras diferentes. Essas profissões conotam menos a idéia de progresso, lembrando as ocupações tradicionais dos homens da oligarquia. Mas os personagens que as exercem não deixam de exprimir pontos de vista totalmente divergentes de um tal modelo: eles encarnam a renovação defendendo novos métodos de gestão do trabalho e da produção, pregando a modernização das leis, dos hábitos e dos costumes, louvando o valor dos "sentimentos", do "amor" e das responsabilidades masculinas no seio da vida privada.

Quanto aos homens mais velhos, eles aproximam-se do universo feminino através de suas filhas, de quem eles cuidam cada vez mais, como pais responsáveis. Assim, abundam os exemplos onde homens viúvos encontram-se sós com uma filha

⁹ Id. *Correio da roça*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1913.

¹⁰ Pode-se acrescentar a isso o fato de que cada vez mais mulheres das elites da época dedicam-se a atividades públicas e profissionais. Para bom número delas, a remuneração não parece representar o objetivo principal, além de não ser, com certeza, um benefício garantido ou mesmo significativo.

O amor na literatura...

única. Às vezes jovens, eles não voltam a se casar, ocupados com seus negócios mas também com a educação correta dessas jovens.

As histórias seguem todas um mesmo esquema: um homem rico e cheio de boas intenções ama muito sua filha única e preocupa-se com seu futuro.

Às vezes, as narrativas trazem um retrato negativo desse homem, mas sempre com o objetivo de louvar seu contrário.

Alguns desses pais cuidam de suas filhas até o casamento, proporcionam-lhes uma boa educação e uma situação financeira favorável; outros morrem antes, deixando-as sós e sem proteção: a miséria, os maus casamentos, a falta de compreensão e a solidão obrigam então as órfãs a viver situações e conflitos que a presença paterna teria mantido à distância.

De todos os exemplos levantados ¹¹, somente um mostrase um pai egoísta e autoritário, Seixas Gomes. Mas ele não é o verdadeiro pai de Marta. Esta, fruto do adultério de sua mãe, é defendida por Leopoldo, seu verdadeiro pai, que quer assumir seu papel. Seixas Gomes, pintado de modo extremamente negativo, é detestado por sua mulher, que casou-se com ele contra vontade - obrigada pelo pai. Aliás, eles não tiveram filhos - símbolo de união e de realização amorosa quase sempre utilizado por essa literatura.

¹¹ Isa e Antonio de Souza (VILLARES, Laura. *Extasis*. São Paulo, São Paulo Ed.Ltda., 1927.); Luz e José Alvarenga (VILLARES, Laura. *Vertigem*. São Paulo, Antonio Tisi, 1926.); Isabel Maria e Juvêncio Teles de Mendonça (ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Isca*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1922.); Marta e Leopoldo Bastos (MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Marta*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1922 (1920).); Marta e Seixas Gomes (Id.ib.); Eva e Gabriel Medeiros (ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Família Medeiros*. Op.cit.); Júlia e Claudio Bastos (*A Cigarra*, segunda quinzena de novembro de 1924 a segunda quinzena de janeiro de 1925, "Melindrosa", folhetim de Vera de Lucena), entre outros.

Mônica Raisa Schpun

Juvêncio Teles de Mendonça, algum tempo após a morte de sua mulher, começa a se comportar mal, não volta mais para casa à noite e frequenta prostitutas. Na véspera do casamento de sua filha, ele torna-se menos generoso que antes em relação ao jovem casal e administra mal seus negócios (trata-se de um empresário de sucesso). Mas essas mudanças são na verdade sintomas de doença e ele é internado num hospício, morrendo pouco tempo depois.

Todos os outros casos são exemplos edificantes de um profundo amor entre pai e filha. Eles descrevem pais devotados, dedicando todos os meios disponíveis para proporcionar a suas filhas um espírito culto e refinado e, objetivo absoluto, permitir-lhes um bom casamento.

Do ponto de vista das significações históricas, esse tipo de dedicação masculina ao universo privado, essa tomada de responsabilidades, são particularmente notáveis. Nós sabemos que o hábito de colocar as moças em internatos ou em conventos é corrente na época. Mas os pais das narrativas evocadas não fogem diante da responsabilidade que representa a educação de uma filha para um homem só. Ao contrário, eles cuidam delas, e com "amor". Suas mulheres estando mortas, eles fazem dessa relação o centro de sua vida afetiva.

É verdade, as mulheres apreciam os homens sensíveis, mais próximos delas, que não recusam seus "sentimentos". Mas por que, de repente, esses homens reconhecem uma certa "feminilidade", tornam-se doces e passam a se preocupar com questões familiares e íntimas?

Em todos os exemplos citados, os homens tentam ajudar e cuidar de moças incompreendidas, solitárias e frágeis. São rapazes meigos e "modernos", diferentes de seus pais, ou de homens viúvos dedicados a suas filhas.

Por outro lado, os homens casados, face a suas mulheres, são freqüentemente representados de outro modo. Nos casais já

O amor na literatura...

formados, as relações divergem nitidamente do devotamento e do "amor" expresso entre pai e filha, ou da sensibilidade de alguns jovens pretendentes.

A nova presença de homens meigos e o desejo de ver a "afetividade" impregnar as relações familiares é, antes de mais nada, a expressão de uma aspiração, de um esforço para constituir uma imagem moderna de família.

Apesar de tudo, o comportamento masculino em relação às mulheres é questionado. Porém, ele não se transforma em toda e qualquer situação: a mudança se opera sobretudo em duas categorias precisas de homens, descritas acima.

Assim, em primeiro lugar, os novos casais estariam se formando segundo uma nova lógica que toca tanto às moças quanto aos rapazes.

Um novo modelo de rapaz, bem ao gosto de moças bem informadas, urbanizadas, mas ainda educadas para o casamento, estaria se difundindo no seio das novas gerações. Sem subestimar o caráter idílico das representações em questão, pode-se ver aí a expressão de uma vontade feminina.

Além disso, o comportamento masculino também muda nas relações entre pai e filha. E essa construção me parece particularmente eloqüente. Aqui, a sensibilidade dos homens em relação às mulheres se manifesta na situação limite da viuvez, quando eles se encontram sós com uma filha - quase sempre em idade de casar.

Fora o aspecto moralizador de um tal esquema, que insiste na vulnerabilidade das moças, nós estamos face à expressão de uma transformação e, ao mesmo tempo, de uma forte resistência. Os homens já fazem de sua relação familiar com as mulheres o elemento central de suas vidas. Eles chegam mesmo a sacrificar desejos individuais e se voltam definitivamente para suas famílias. Mas eles não se voltam para suas mulheres. Uma relação com esse grau de dedicação só pode

Mônica Raisa Schpun

se constituir com suas filhas. As relações conjugais não ocupam a cena.

Assim, onde profundas desigualdades impedem a existência de relações mais igualitárias entre cônjuges, a ternura dos pais por suas filhas não agride nem as mentalidades em vigor nem os privilégios masculinos. Aliás, uma relação desse tipo reforça a imagem de fragilidade das mulheres, sempre colocadas sob a proteção de um homem.

A descoberta do amor

O "amor" é uma reivindicação das mulheres. É para elas que ele traz liberdade.

Através dessa demanda de "amor", elas reclamam na verdade um espaço muito maior no universo íntimo. Elas reivindicam relações com maior reciprocidade "afetiva", passando pela fidelidade.

Trata-se a meu ver de uma opção tática, tendo em vista os meios disponíveis.

De modo geral, o "amor" é visto pela nova ideologia como um sentimento inerente à alma feminina e como condição *sine qua non* para a felicidade pessoal de uma mulher: sacrificar seu "amor", seja qual for o motivo, causa uma profunda infelicidade. Contra esse mal, não há nem remédio nem compensação.

Histórias tristes, terminando freqüentemente com o suicídio da heroína, expressam essencialmente uma imagem de mulheres prontas a sacrificar tudo por "amor", tal é a importância do "sentimento" para a construção de sua identidade.

Fica difícil saber até que ponto tudo isso reflete comportamentos reais. Adriana Piscitelli estudou casos de mulheres rebeldes numa pequena cidade do interior de Minas

O amor na literatura...

Gerais. Distribuídas entre várias gerações das duas principais famílias das elites locais, tais mulheres insistiram em realizar casamentos por "amor", com pretendentes indesejados pela família, recusando, ao mesmo tempo, aqueles que lhes eram muitas vezes designados.¹² Enfrentando a autoridade dos pais, elas aumentaram seu poder de negociação e afirmaram sua personalidade. Nos depoimentos de suas descendentes, aquelas que viveram e se casaram no período que nos interessa aqui, deixaram uma imagem de mulheres corajosas e movidas por seu "amor". Mas, dentre essas mulheres que tentaram impor sua vontade, a maioria não conseguiu. Nós não temos informação sobre seu sofrimento; só sabemos que foi necessária uma forte repressão para dobrá-las à norma, e que aquelas que conseguiram se casar por "amor", apesar das resistências familiares, deixaram uma memória extremamente romanceada. Seus descendentes insistem com frequência sobre a importância de seus atos.

Se acreditarmos em tais narrativas, as mulheres "apaixonadas" lutaram muito para impor sua escolha, apesar do provável fracasso que as esperava. Mesmo se suas peripécias são romanceadas, no sentido de uma exageração dos conflitos, das vitórias e dos malogros, as histórias narradas colocam em cena verdadeiras situações de rebelião, de resistência e de opressão entre pais e filhas. Valia então à pena, o "amor" - o que quer que o termo signifique para os atores da época, - era realmente um signo de liberação e de afirmação feminina.

Para as moças das representações literárias examinadas aqui, apesar de todo o peso dos sacrifícios que envolvem essa idéia, poder associar casamento e "amor" é uma conquista.

¹² PISCITELLI, Adriana. Histórias que as Histórias de Amor Contam: Mulheres, Rebelião e Casamento. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Rebelião e Submissão: Estudos de Condição Feminina*. São Paulo, Vértice/Fundação Carlos Chagas, 1989, pp.121-142.

É através do "amor" que essas mulheres encontram uma identidade. Nesse sentido, elas não recusam o domínio privado como sendo seu lugar privilegiado de expressão: realizando-se no "amor" e conseqüentemente, na vida conjugal, é a esse espaço que elas ligam sua identidade individual e social.

Através desse percurso, aparentemente sinuoso, o espaço doméstico ganha mais importância. De lugar de encerramento, de isolamento, ele toma-se espaço de afirmação identitária, de realização pessoal, de felicidade. Mais do que renegar a vida marital, trata-se então de adaptá-la melhor aos "novos tempos".

Maria Helena Bueno Trigo, analisando o amor no Brasil no início do século, pensa que a aura de romantismo que se cria em torno da juventude visa antes de mais nada reforçar o caráter indissolúvel do casamento.¹³ Segundo a autora, a assimilação do amor ao casamento seria uma construção disciplinar, onde o amor ganharia em legitimidade porque vivido no interior da instituição conjugal. Além disso, essa construção atingiria mais as mulheres que os homens, estas estando impregnadas de uma ideologia romântica que requer submissão, renúncia e devotamento, em proveito da relação amorosa.

Minha pesquisa me conduz a adotar uma ótica bastante diferente. Graças às inúmeras narrativas apresentando mulheres descontentes de sua vida conjugal, estou convencida de que a "ideologia do amor" deve ser compreendida antes de mais nada como o signo de uma insatisfação feminina, mais do que o de um deslocamento das formas de opressão.

Certo, não é por isso que devemos ver aí transformações emancipadoras. Porém, reivindicar o "amor" - e, em minha opinião, nós estamos mesmo diante de uma reivindicação feminina e não de uma sujeição social imposta por não se sabe

¹³ Trata-se de reflexões desenvolvidas por TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e Casamento no Século XX. In: D'INCAO, Maria Angela (org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp.88-94.

O amor na literatura...

que agentes -- é uma reação contra as desigualdades existentes no interior do casamento, muito enraizadas na cultura dessas elites.

Como hipótese, digamos que um casamento por "amor" garante às mulheres uma vida conjugal com menos violência, menos opressão, menos medo. O "amor" pode então significar uma melhoria nas condições da vida íntima, já que separar vida afetiva de vida conjugal me parece impensável para as mulheres da época, salvo exceções. É preciso quanto a isso ter em mente o processo de socialização extremamente diferenciado entre meninos e meninas, os valores da formação transmitida no interior da família, as diferenças de acesso à educação formal, ao ensino laico, etc.

Desse ponto de vista, o "amor" não é a reivindicação abstrata de um sentimento indispensável às mulheres (enquanto que os homens podem muito bem viver sem ele). Apesar de toda a carga normativa embutida nessa "ideologia do amor", que impõe tantas restrições às mulheres - especialmente sexuais -, essa luta assume um sentido prático e exprime uma consciência lúcida do estatuto precário das relações conjugais. Selecionar os maridos e transformar o tratamento que estes habitualmente dedicam às suas esposas toma-se assim uma medida de proteção da qualidade de vida.

Mas enfim, o amor existe?

O modelo familiar em vigor deixa aos homens a possibilidade de uma vida sexual e afetiva mais livre, extra-conjugal, onde prevalecem sua disponibilidade e seu desejo. Sua virilidade encontra-se mesmo reforçada pela posse de outras mulheres.

Assim, o tema do "amor" engendra conflitos face a regras de interação social que são organizadas segundo uma

ótica agressivamente masculina. Pelas suas implicações, a demanda de "amor" inaugura um questionamento dessas regras, trazendo à tona desigualdades profundas entre os gêneros.

De fato, no conjunto das representações examinadas, a barreira mais forte para a implantação social de relações conjugais mais igualitárias é a resistência dos homens, pouco dispostos a abrir mão de suas prerrogativas. Para eles, o "amor", tal como reivindicam as mulheres, é uma prisão, a perda de sua autonomia em benefício de uma só mulher.

Fora algumas narrativas idílicas, feitas para valorizar, aos olhos das novas gerações, uma nova disponibilidade afetiva da parte dos homens, os personagens masculinos não parecem nada tocados pelo "amor" por suas esposas. Estas últimas só trocam afeição com seus filhos, quando eles existem, praticamente nunca com seus maridos.

Os Sousa Costa, personagens de *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, apresentam todas as características de um casal burguês do período. Laura cuida o dia todo dos filhos; Felisberto também o faz, de certo modo: ele cuida da iniciação sexual de seu filho. Trata-se de ensinar o jovem Carlos a conhecer as mulheres, mas também a manter em relação a elas uma superioridade, uma distância, uma insensibilidade. A tática utilizada é simples: Sousa Costa emprega uma governanta alemã, especialista na aprendizagem do amor. Ela faz-se passar pela preceptora das crianças com o objetivo de seduzir o rapaz. O plano é perfeito: Carlos se apaixona e *Fraülein* o inicia.

"Descobrimo" a ligação (*Fraülein* finge não saber de nada), Sousa Costa faz um escândalo e demite a preceptora. Carlos esquecerá rápido a história, aprendendo a lição; já homem, ele agora está imunizado contra toda dependência afetiva em relação às mulheres, razão principal das preocupações e da iniciativa de seu pai.

O amor na literatura...

Se, na narrativa mais otimista de Júlia Lopes, M. Medeiros¹⁴ vê-se ultrapassado pelo universo mental de seus filhos e de sua sobrinha, repleto de "sentimentos" e completamente exterior à sua lógica, o personagem de Mário de Andrade, Felisberto Sousa Costa, não enfrenta nenhuma forma de resistência para reproduzir, na socialização de seus filhos, a desigualdade de papéis sexuais que dirigirá a identidade social e, mais precisamente, as relações íntimas de cada um deles.

Reivindicar a extensão da afetividade até a relação conjugal é assim um *affaire* de mulheres, quase sempre frustradas. Mesmo quando elas se casam por "amor", seus maridos mostram-se longe de seu ideal e sobretudo reticentes quanto a qualquer tipo de reciprocidade: o grau de "afeição" é sempre desigual, as mulheres dando mais; a fidelidade é sempre vítima de uma moralidade de mão única.

As mulheres empenham-se muito mais no casamento do que os homens. Estes recusam-se a ver questionadas suas prerrogativas - inclusive no que toca ao adultério -, ou a imagem tradicional da masculinidade no que toca à virilidade e ao comando.

Deixar-se controlar pela vida conjugal, restringir sua liberdade por uma relação única e eterna significa, para os homens, viver sob as mesmas limitações que as mulheres. As fronteiras separando e definindo as imagens do masculino e do feminino encontram-se comprometidas por essa reivindicação.

Contrariando desigualdades profundamente enraizadas, uma reivindicação como a do "amor" não pode ter sucesso. Mas os discursos da época referem-se à questão, e já o fazem de modo conflituoso. Apesar das fortes resistências desse modelo, ele está, nos anos vinte, em contradição com aspirações femininas diversas.

¹⁴ Personagem de ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Família Medeiros*. Op.cit.

Mônica Raisa Schpun

Sobre isso, e para voltar ao papel dos maridos na vida conjugal, duas cartas escritas por Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade são eloqüentes. Elas exprimem bem uma mudança de mentalidades que, ainda pouco representativa, começa a tocar alguns setores da população, sem dúvida a partir dos meios mais cultivados e cosmopolitas. O contexto é o casamento do poeta.

...creio que basta só pensar na sua responsabilidade de casar. Só isso é enorme mas não deve acovardar. Eu tenho a convicção de que a felicidade dum lar depende toda do marido.(...) O que você deve fazer(...) [é] observar o caráter as tendências da sua noiva e se preparar pra com doçura sempre e sempre com paciência inalterável concertar o possível e se acomodar com o que for impossível remediar.¹⁵

Isso quer naturalmente dizer que num casal tudo depende do marido. A melhor indulgência que um marido pode ter pra mulher é pôr sobre si toda a culpa de tudo o que for ruim que acontecer no casal. Ruim pra mim não são doenças dificuldades mortes; ruim é a infelicidade, as inquietações os desnorteios e bem mais cotidianos os atritos fatais que todo lar tem. Pôr a culpa sobre si... ter enfim uma indulgência masculina, uma indulgência de mais forte que aguenta o tranco, que tem coragem de se humilhar pra que a grandeza e a paz voltem. É a maior grandeza que um homem pode ter em relação à família.¹⁶

¹⁵ Carta de 27 de maio de 1925.

¹⁶ Carta de 23 de agosto de 1925.

O amor na literatura...

Essa nova tendência corresponde, em primeiro lugar, a uma necessidade feminina, amplamente expressa nas narrativas da época, de uma maior proximidade espiritual entre cônjuges e de uma maior "afeição" da parte dos homens no interior da família. Alguns mostram-se prontos a "amar", compartilhar com as mulheres esses estados de alma românticos.

Em seguida, trata-se de uma tomada de poder, pelos homens, num universo antes deixado às mulheres mas que se tomou cada vez mais decisivo, talvez mesmo por ser o foco de conflitos cada vez menos desprezíveis. De agora em diante, a "afeição" privada não é mais o apanágio exclusivo das mulheres. Para não perder sua autoridade familiar, parece que os homens se dobram às demandas de "afeto". "Amar" toma-se então uma relação normalizada.

Essa maneira de perceber a vida conjugal ainda está evidentemente longe de poder representar as sensibilidades coletivas - e sobretudo quanto aos homens. Mas as afirmações de Mário de Andrade, muito inovadoras para a época, trazem em si uma razão histórica inegável.

Mulheres insatisfeitas

É compreensível que uma reivindicação visando a transformação das relações conjugais parta das mulheres. Não somente a moral da época impõe-lhes todos os tipos de sacrifícios para a salvação da vida familiar, mas também, e sobretudo, elas não têm realmente alternativa. Cada moça é criada, formada, educada e preparada com o único fim de se casar.

O estudo citado sobre os processos de desquite¹⁷ desvela uma realidade na qual as mulheres tomam a iniciativa do pedido

¹⁷ SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. Op.cit.

Mônica Raisa Schpun

de desquite, mas muito raramente a da separação, na maioria dos casos já concluída pelos homens no momento da intervenção judiciária. Sua formação, a moral social rígida e a importância atribuída às aparências fazem com que elas prefiram uma vida de conflitos ao invés da ruptura conjugal. De modo geral, a marginalidade joga contra atitudes de ruptura dessa ordem.

A separação não aparece então como uma solução corrente para as mulheres de elite. a que reforça ainda mais o argumento defendido aqui, de seu esforço para encontrar, no interior do casamento, relações mais igualitárias que possam valorizá-las.

A reivindicação do "amor" masculino ganha assim um sentido ainda maior. Ela desvela relações conjugais muito desiguais, ou simplesmente uma realidade em desnível com relação às novas aspirações femininas. Ela é conseqüentemente, ao mesmo tempo, a manifestação de um descontentamento e a procura de uma melhora no estatuto das mulheres no seio da vida conjugal.

Homens "apaixonados" e fiéis, compreensivos e sensíveis, verdadeiros companheiros, eis a utopia feminina no tocante ao casamento.

A profundidade das desigualdades empurra para longe a aquisição de uma maior simetria conjugal. Tais desigualdades reproduzem-se desde a socialização de meninas e meninos, que preserva modelos de comportamento sexual muito distintos, seguindo valores muito enraizados.

Parece porém que algumas transformações tocam pouco a pouco as mentalidades da época.

Mas tais transformações não vão no sentido de uma emancipação. Elas deixam entrever um processo de reequilíbrio das relações conjugais onde as mulheres reivindicam um maior espaço dentro da família e onde os homens negligenciam menos os afetos privados, de agora em diante mais valorizados,

O amor na literatura...

chegando mesmo, às vezes, a incorporá-los ao seu âmbito de responsabilidades.

Bibliografia complementar

FONTES: romances, contos, peças de teatro, poesia, ensaios, correspondência

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1986 (1927).

_____. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Brasília, CNPq, 1988 (1928).

_____. *Os Contos de Belazarte*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980 (1934).

_____. *Poesias completas*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1987.

_____. *A Lição do amigo - cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.

_____. *Cartas a Anita Malfatti*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

_____. *Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.

ANDRADE, Oswald de. *Trilogia do exílio*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972 (1922,1927,1934).

_____. *Memórias sentimentais de João Miramar*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972 (1924).

_____. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo, Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990 (1933).

Mônica Raisa Schpun

_____. *Um Homem sem profissão sob as ordens de mamãe*. São Paulo, Globo, 1990 (1954).

BARRETO, Lima. *Numa e a ninfa*. Rio de Janeiro, Garnier, 1989 (1915).

_____. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro, Garnier, 1990 (1923-24).

BERTHA, Albertina. *Voleta*. Rio de Janeiro, J.R. dos Santos, 1926.

CAVALHEIRO, Maria Thereza. *Y de Schloenbach - Colombina e sua poesia romântica e erótica (esboço biográfico e seleção de poemas)*. São Paulo, João Scortecci Editor, 1987.

CELSO, Maria Eugenia. *Em pleno sonho*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1920.

_____. *Vicentinho*, São Paulo, M. Lobato, 1995.

_____. *Fantasia e matutadas*. Rio de Janeiro, Ariel, 1931.

_____. *Ruflo de asas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

COBRA, Ercília Nogueira. *Virgindade anti-higiênica preconceitos e convenções hipócritas*, 1932 (1924).

_____. *Virgindade inútil, novela de uma revoltada*, 1932 (1927).

COSTALLAT, Benjamin. *Mlle Cinema*. Rio de Janeiro, Costallat & Miccolis, 1923.

_____. *Fitas...*. Rio de Janeiro, Costallat & Miccolis, 1924.

_____. *Os Maridas*. Rio de Janeiro, Costallat & Miccolis, 1925.

O amor na literatura...

_____. *Guria*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1929. DOLORES, Carmen. *A Luta*. Rio de Janeiro/Paris, Garnier, 1911.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1973 (1933).

JÚLIA, Francisca. *Poesias*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1961.

LISBOA, Rosalina Coelho. *Rito Pagão*. São Paulo, M.Lobato, 1921.

LOBO, Mara [pseud. Patrícia Rehder Galvão]. *Parque industrial*. São Paulo, Alternativa, s.d. (1933).

LUSO, João [pseud. João Erse]. *Reflexos do Rio*. Porto, Livraria Chadron, 1923.

_____. *O Despenhadeiro*. Porto, Livraria Chadron, (1926)

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Pathé-baby*. São Paulo, IMESP/DAESP, 1982 (1926).

_____. *Brás, Bexiga e Barra-Funda*. São Paulo, Martins, 1944 (1927).

_____. *Laranja da China*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1944 (1928).

MACHADO, Gilka. *Mulher nua*. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1929 (1922).

_____. *Carne e alma (poemas escolhidos)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1931.

_____. *Poesias completas*. Rio de Janeiro/Brasília, Livraria Editora Cátedra/INL, 1978.

Mônica Raisa Schpun

_____. *Poesias completas*. Rio de Janeiro, Léo Christiano/FUNARJ, 1991.

MOURA, Maria Lacerda de. *A Mulher é uma degenerada*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932 (1924).

_____. *Religião do amor e da beleza*. São Paulo, O Pensamento, 1929 (1926).

MOURA, Maria Lacerda de. *Amai... e não vos multipliqueis*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932.

NETTO, Coelho. *O Patinho torto*, Porto, Livraria Chadron, 1924.

PICCHIA, Menotti del. *Flama e argila*, São Paulo, Martins, 1958 (1920).

_____. "Um homem" & "Um drama" (contos). In: *Flama e argila*. São Paulo, Livraria Martins, 1958 (1920).

_____. *Laís*. São Paulo, Martins, 1958 (1921)

_____. *O homem e a morte*. São Paulo. Martins, 1958 (1922).

_____. "A Outra perna do Saci"; "O Romance"; "O Disco" (contos). In: *O homem e a morte* São Paulo, Livraria Martins, 1958 (1922).

_____. *A mulher que pecou*. São Paulo, Livraria Martins, 1958 (1922).

_____. *Pelo divórcio*. São Paulo, Typographia Paulista, 1933.

SILVA, Julio Cesar da. *Arte de amar*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1924.

O amor na literatura...

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. The Brazilian Family. In: SMITH, L. e MARCHANT, A. (orgs.) *Brazil, Portrait of Half a Continent*. New York, The Driden Press, 1951, pp.291-312.

TÁCITO, Hilário [pseud. José Maria de T. Malta]. *Madame Pommery*. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1977 (1920).

VASCONCELOS, Cecília M. B. de Melo R. de. [pseud. Chrysantheme] *Enervadas*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1922.

Mônica Raisa Schpun

**LOVE IN LITERATURE
AN EXERCISE IN HISTORICAL COMPREHENSION**

Abstract

With regard to the São Paulo of the 1920's and the process of important transformation brought about by urbanization, this article will attempt to understand the social sense given to the subject of conjugal love in the rich debate contained in the feminine press and in literature. The sources reveal more than a simple initiative to maintain discipline, aiming at reinforcing the identity between love and marriage for women. Deeper conflicts and signs of transformation of collective sensibilities can be remarked.